

Gisele Cristina da Conceição*
Christian Fausto Moraes dos Santos*

Quando Ameijoas eram “como” Leriuçus: identificação de espécies de peixes e crustáceos pelos colonizadores na América portuguesa do século XVI

R E S U M O

Um trabalho árduo, constante e pragmático foi desenvolvido pelos primeiros colonizadores do Novo Mundo no sentido de obter toda a informação disponível acerca daquele ecossistema. A identificação de espécies de animais que pudessem ser caçados e pescados foi, provavelmente, uma das primeiras preocupações dos colonizadores. Neste processo de reconhecimento da fauna, destacamos os tratados, compilações e cartas que possam ser úteis para compreendermos os desafios e obstáculos encontrados pelos colonizadores portugueses ao desembarcarem nos Trópicos. A partir dos conceitos da História das Ciências, pretendemos elencar e analisar os processos classificatórios desenvolvidos pelos primeiros moradores da colônia ao longo do século XVI.

Palavras-chave: América portuguesa, História das Ciências, Filosofia Natural.

A B S T R A C T

A hard, constant and pragmatic work was developed by the early settlers of the New World in order to obtain all available information on that ecosystem. The identification of species of animals that could be hunted and fished was probably one of the first concerns of these men. In this process of recognition of the New World's fauna, were of central importance the treaties, compilations and letters that could be useful to the comprehension of the challenges and obstacles encountered by Portuguese settlers disembarked in the Tropics. From the approach of the History of Science, we intend to list and analyze the processes of classification developed by the first European inhabitants of the colony during the sixteenth century.

Keywords: Portuguese America, History of Science, Natural Philosophy.

“Andei buscando até agora onde agasalhar os caranguejos-do-mato, sem lhes achar lugar cômodo, porque para os arrumar com os caranguejos do mar parecia despropósito, pois se eles criam na terra, sem verem nem tocarem água do mar; e para os contar com os animais parece que também não lhes cabia esse lugar, pois se parecem com o marisco do mar; e por não ficarem sem gasalhado nestas lembranças, os aposentei na vizinhança do marisco de terra, ainda que se não criam na água estes caranguejos, mas em lugares úmidos por todas as ribeiras.”
(*Tratado Descritivo do Brasil de 1584*, Gabriel Soares de Sousa).

Introdução

Consideráveis obras abordaram os processos colonizatórios iniciados pelos europeus a partir do século XV¹. A maioria destas obras construiu, enquanto eixo norteador, a importância da articulação política, financeira e social para se interpretar a expansão ultramarina portuguesa na busca de novas rotas comerciais. Também podemos verificar discussões acerca das dificuldades no traslado do Atlântico para a América lusa, assim como uma suposta colonização morosa e indolente² dos primeiros colonizadores que se propuseram a esta viagem rumo ao Novo Mundo. Contudo, longe de questionarmos tais linhas interpretativas, pretendemos elencar novas perspectivas acerca deste processo colonizatório, voltando nossos olhos para os problemas e desafios que aqueles homens enfrentaram quando desembarcaram nos trópicos. Tais obstáculos estão relacionados, na nossa perspectiva, com uma questão cotidiana essencial. O ato de alimentar-se, na América portuguesa do século XVI, poderia ser tão ou mais trabalhoso do que a exploração de toras de pau-brasil (sp).

Não foram poucas as variáveis culturais, ambientais, geográficas e climáticas que os primeiros europeus tiveram de reconhecer. E, certamente, foi através da descrição e classificação do Mundo Natural, que estes analisaram e ponderaram possibilidades, recursos e alternativas que promovessem um processo de adaptação e desenvolvimento de novas técnicas na obtenção e conservação de alimentos disponíveis naquela nova biota. No que se refere aos aspectos adaptativo e ambiental, procuraremos discutir algumas questões relacionadas ao processo de deslocamento e fixação adotado pelos europeus nos primeiros decênios de colonização, relacionando tais características à busca cotidiana por fontes de proteína e gordura animal nas faixas litorâneas³.

A alimentação do colonizador europeu no Novo Mundo, bem como a adaptação ao ambiente e topografia da América, corroborou para a construção de novos olhares e saberes acerca daquele Novo Mundo Natural, o que pode ter contribuído, de maneira considerável, à construção de novos paradigmas filosófico-naturais⁴.

Neste sentido, é possível compreendermos, a partir das fontes documentais produzidas, em grande parte, pelos exploradores e primeiros moradores da colônia, como se deu tal adaptação, não somente no que se refere às questões ambientais, mas também às novas fontes de alimento. Pois, quando aqueles homens transpuseram os limites do mar europeu, ao adentrarem em águas tropicais, uma nova dieta alimentar se tornou necessária. Apesar de a

* Doutoranda em História pela Universidade do Porto/Portugal, com bolsa do Programa de Doutorado Pleno no Exterior da CAPES.

* Professor da Universidade Estadual de Maringá e coordenador do Laboratório de História, Ciências e Ambiente.

¹ Sergio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

Gilberto Freyre. *Casa-Grande & Senzala*. (Rio de Janeiro: Editora Record, 1998).

Caio Prado Jr. *Formação do Brasil contemporâneo*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

² *Ibidem*, Sergio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*.

³ Warren Dean. *A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2.^a ed. 2010).

⁴ Allen G. Debus. *O Homem e a Natureza no Renascimento*. (Porto: Porto Editora, 2002).

José Luís Fresquet Febrer. *Las primeras noticias en Europa sobre el uso medico del tabaco*. (Revista de Fitoterapia. n. 1, v.4, 2001), p. 269-276.

Virginia DeJohn Anderson. *Creatures of Empires*. (New York: Oxford University Press paperback, 2004).

cultura gastronômica portuguesa, no século XVI, principalmente litorânea, ter nos frutos do mar a composição de boa parte de seu cardápio (CASCUDO, 1968; ABBADE, 2009; KRONDL, 2008, p. 121-135, MANUPPELLA; ARNAUT, 1967), as espécies endêmicas dos ambientes aquáticos da América portuguesa eram outras.

Moluscos como as ameijoas (*Ruditapes decussatus*) coletadas no litoral do Algarve poderiam ser, em um primeiro momento, parecidas com as leriúçu (*Ostreidae*) encontradas na capitania da Bahia. Entretanto, como iremos observar, diferenças foram notadas e, para além do paladar, textura e forma distintos, uma natureza única vai se desdobrando em cada relato e descrição das novas fontes de alimento encontradas nos charcos, rios, mangues, enseadas, baías, restinga, praias e baixios do Novo Mundo.

A identificação de tais diferenças é passível de observação por pesquisadores contemporâneos, graças à minuciosidade das descrições feitas pelos primeiros exploradores do Novo Mundo que a partir do processo de expansão ultramarina iniciado, em grande parte, pela Coroa portuguesa no século XV, produziram uma extensa classe de fontes documentais que, em muito, podem colaborar para um maior entendimento do processo de colonização desencadeado no Novo Mundo. Referimo-nos às profusas e detalhadas descrições de animais feitas por, Azpilcueta Navarro (1551), Gabriel Soares de Sousa (1587), André Thevet (1557), Ulisses Aldrovandi (século XVI), Hans Staden (1548), Charles L'Ecluse (1605), López Medel (1590), Jean de Léry (1578), Pero de Magalhães Gandavo (1576), Garcia da Orta (1567), José de Anchieta (1595), Fernão Cardim (1623), Karl Von Lineu (1735), Adriaen Cornelissen van der Donck (1655), Gabriel Meurier (1557) e John White (1585).

No Tratado Descritivo do Brasil (1587) de Gabriel Soares de Sousa, podemos observar um primeiro exemplo do cuidado em se descrever as espécies de animais encontradas no Novo Mundo, assim como a atenção na percepção de semelhanças com os animais endêmicos ou introduzidos há algum tempo na Europa. Este será, aliás, o principal meio pelo qual os colonizadores tentaram compreender, descrever e classificar aquele novo ambiente. A motivação para tal exercício era multifatorial e, via de regra, seguida de interrogações que poderiam nortear boa parte da descrição de um animal encontrado na América portuguesa. Afinal, qual mexilhão poderia ser venenoso? Que peixe poderia ser pescado mais facilmente? Qual o tamanho e cor dos ouriços das praias da colônia? As conchas das ostras poderiam ter alguma utilidade?

Estes eram, certamente, apenas alguns dos questionamentos feitos por homens como Gabriel Soares ao se deterem na observação dos comportamentos, formas, habitats e mesmo o gosto das espécies marinhas endêmicas do Novo Mundo. Este labor, em muitos aspectos se aproximava daquele exercido pelos filósofos-naturais europeus, principalmente na adoção das similitudes enquanto principal vetor de orientação descritivo e classificatório. Desta forma, ao descrever o corpulento Cunapu, Sousa utiliza, como primeiro recurso, a busca por uma similaridade, uma similitude entre a espécie encontrada nos litorais da colônia e a endêmica dos mares portugueses que mais se assemelhasse, afinal, para ele “*Cunapu* [...] são uns peixes a que chamam em Portugal *meros* [...]”⁵ (grifos nossos).

⁵ Gabriel Soares de Sousa. Tratado Descritivo do Brasil. (São Paulo: Brasiliense, 1971) p. 260.

Descrições como esta nos permitem observar o delineamento de um colonizador consideravelmente metódico, atento e que concebe um valor a constituintes da natureza como moluscos, peixes e crustáceos.

O século XVI, com as viagens ultramarinas e as novas colônias, revelaram aos europeus pela visão, paladar e audição, uma ampliação daquilo que compreendiam sobre o Mundo Natural⁶. Neste período, o novo necessitava ser assimilado dentro do todo até então conhecido. Isto se deu, em boa medida, por meio das similitudes. O olhar atento do colonizador buscava naquilo que é novo, elementos que pudessem identificar marcas comuns a ambos os universos, tentando, assim, encontrar aproximações entre aquilo que já se conhecia na Europa e o desconhecido Novo Mundo⁷.

Afinal, era preciso apreender e construir todo saber possível e necessário para viabilizar a fixação na nova colônia, uma vez que o simples ato de se alimentar poderia ser consideravelmente trabalhoso e complexo, pois se estava diante de um ambiente tão profuso em animais, quanto em desconhecimento sobre estes.

Deste processo de conhecimento e reconhecimento da natureza na América portuguesa pelos homens que ali desembarcaram no século XVI, podemos verificar a construção de um sistema classificatório novo e abrangente, que pôde auxiliar, não somente à fixação dos colonizadores, mas também, no desenvolvimento da Filosofia Natural daquele período. Uma vez que, o encontro dos europeus com o ambiente do Novo Mundo, possibilitou à construção de novos paradigmas filosófico-naturais no que se refere à compreensão tanto da fauna, quanto da flora.

Classificação dos animais do Novo Mundo

Ao longo do século XVI, influenciada pelas Grandes Navegações e o estabelecimento dos europeus em suas colônias no além-mar, teve curso a construção de novas perspectivas na compreensão do mundo natural. Esses paradigmas com escamas, patas e conchas não levantaram questionamentos somente entre os homens que testemunharam a existência de um outro mundo natural além do atlântico. Ao chegarem no continente europeu, as descrições destes seres possibilitou a reconstrução das perspectivas filosófico-naturais vigentes ao longo de todo período renascentista, e que norteavam o cotidiano de qualquer homem que pretendesse compreender o mundo natural que estava à sua volta no Velho ou Novo Mundo.⁸

Os primeiros colonizadores, cronistas, jesuítas e viajantes que desembarcaram na América, a princípio, descreveram e classificaram a biota do Novo Mundo a partir de perspectivas baseadas em uma perspectiva aristotélica e no princípio das analogias, que aborda

⁶ Luís Filipe Barreto. Os descobrimentos e a Ordem do Saber – Uma análise sociocultural (Lisboa: Gradiva, 2.^a edição, 1989).

⁷ Paulo de Assunção. A terra dos Brasis: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596) (São Paulo: Annablume, 2001) p. 109-117.

⁸ Andrea Ubrizsy Savoia. The influence of new world species on the botany of the 16th century. (Asclepio-yo. XLVIII-2-1996). Edward Grant. História da filosofia natural do mundo antigo do século XIX. (São Paulo: Madras, 2009), p. 353-358. Allen G. Debus. O Homem e a Natureza no Renascimento. (Porto: Porto editora, 2002). Pamela H. Smith; Paula Findlen. Merchants and marvels: commerce, science, and art in early modern Europe. (New York: Routledge, 2002).

a compreensão das coisas a partir de parâmetros relativos àquilo que já é conhecido⁹. Tal estratégia se mostrou eficiente em um primeiro momento, afinal, aqueles homens tinham que se adaptar àquele novo ambiente e dar conta de conhecer e reconhecer o maior número de espécies fossem elas animais ou plantas.

Quanto à fauna aquática da América portuguesa, tais analogias foram tão fecundas quanto à diversidade de animais descritas pelos colonizadores. Embora estas, até o fim do renascimento, estivessem condenadas a se esgotarem enquanto recurso filosófico-natural¹⁰, o seu uso propiciou descrições inventivas e que, na maior parte das vezes, cumpriram aquilo para o qual eram feitas, como identificar qual peixe poderia ser tomado como alimento.

Para descreverem os animais marinhos do Novo Mundo, em muitos momentos, os viajantes europeus convocavam espécies já conhecidas na Europa, principalmente quando estas compartilhavam alguma particularidade morfológica ou comportamental com o novo peixe ou crustáceo encontrado nas praias e enseadas da América portuguesa. Era fato para os viajantes europeus que os animais da colônia, em alguns momentos, em muito lembravam outros já conhecidos na Europa. Embora, na grande maioria das vezes, estes colonizadores deixem claro saber que semelhante não é o mesmo que igual. Essa preocupação filosófico-natural, presente em muitas descrições de animais marinhos no século XVI, demonstra que estes homens sabiam que não se atentar a detalhes poderia custar caro, pois, ao ingerir um alimento desconhecido, poderia estar sujeito, por exemplo, a intoxicações alimentares, ou até ao envenenamento, como no caso do peixe baiacu, e sua neurotoxina que pode até levar à morte.

O choque entre o conhecimento filosófico-natural, que acompanhou os colonizadores europeus, e as urgências paradigmáticas que foram apresentadas aos mesmos, que logo se viram diante de um vasto mundo natural completamente diverso daquele do qual eram originários, produziu, como um de seus mais importantes efeitos, uma mudança de perspectiva na compreensão e apreensão da natureza.

O descobrimento destes novos continentes pelos europeus, associada à necessidade de sobrevivência e a um espírito investigativo apurado, corroborou para que aquele ambiente da América portuguesa trouxesse à tona novos paradigmas no plano da Filosofia Natural europeia¹¹.

Com respeito a este processo de conhecer e assimilar o ambiente dos trópicos nota-se que o trabalho efetuado por parte destes colonizadores e viajantes quinhentistas consistia em encontrar variedades de animais que fossem, até certo ponto, identificados enquanto similares aos conhecidos na Europa. Tal episteme foi, principalmente no início da modernidade, crucial na construção de um saber sobre o mundo natural¹². A questão das similitudes, simpatias, emulações e analogias constituíram, no renascimento, uma ferramenta que foi além das simples transferências de nomes e o uso das descrições como modelos ilustrativos.

A busca pelo reconhecimento de similitudes deu-se no sentido de encontrar um correspondente, não na palavra, mas sim, no objeto. Tal operação analógica se tornou uma

⁹ Michel Foucault. *As Palavras e as Coisas – Uma arqueologia das ciências humanas*. (São Paulo: Martins Fontes, 2000).

¹⁰ *Ibidem*, 2000.

¹¹ Guillermo Giucci. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. (São Paulo: Companhia das Letras, 1992).

¹² Michel Foucault. *As Palavras e as Coisas – Uma arqueologia das ciências humanas*. (São Paulo: Martins Fontes, 2000), p. 33-61.

transferência de modelos e uma comunicação entre conceitos que conectou, não apenas palavras a objetos, como compreendeu Foucault¹³, mas sim, os objetos entre si¹⁴. Os relatos produzidos no século XVI procuravam, não apenas descrever os animais utilizando-se das semelhanças como instrumentos descritivos, mas buscavam sim, os próprios animais correspondentes. Gabriel Soares de Sousa se vale de tal epistemologia ao falar do “[...] piraçaquém [...] que [...] é um peixe da feição dos safios de Portugal [...]”, e também no relato acerca das “[...] piraquiras [...] que são [...] uns peixinhos como os peixes-reis de Portugal [...]”¹⁵ (grifos nossos)”.

O piraçaquém e as piraquiras, não eram apenas similares aos safios e peixes-reis, eles eram, de fato, seus correspondentes americanos, ou seja, estavam conectados para além das simples analogias linguísticas, pois, para os homens do renascimento, todo o universo se conectava e se correspondia¹⁶. As analogias acabam por validar descrições de peixes desconhecidos tal qual o piraçaquém, através de partes de seres já conhecidos como os europeus safios.

O empreendimento europeu na descrição e classificação dos seres aquáticos do Novo Mundo, certamente foi influenciado pelo saber indígena. O que foi, de certo modo, reconhecido e incorporado pelos europeus. Os indígenas, invariavelmente, classificavam a fauna e flora onde habitavam de forma a compreender aquele universo como um todo conectado, não apenas com intuito utilitarista imediato. O conhecimento sobre a natureza deveria constituir um grande e intrincado complexo que pudesse prover gerações futuras¹⁷. Na América portuguesa quinhentista esta experiência se deu através de um contato claro com a taxonomia indígena. Tal saber autóctone, ao ser considerado relevante para o colonizador, demonstra o quanto as analogias, ou seja, o construto do saber renascentista, não estava sendo suficiente.

Na classificação das ostras da costa da capitania da Bahia, Gabriel Soares de Sousa dispõe as mesmas da seguinte forma: *leriuçu* (leri: ostra; uçú: grande), *leri-mirim* (leri: ostra; mirim: pequena), *leri-peba* (leri: ostra; peba: chata)¹⁸. Este modelo descritivo e classificatório incorporava detalhes morfológicos destes moluscos bivalves, além de um sistema classificatório binomial indígena que podia soar coerente o suficiente para ser adotado pelo universo filosófico natural europeu sem maiores restrições¹⁹.

¹³ Ibidem, 2000.

¹⁴ Paolo Rossi. A chave universal: artes da memorização e lógica combinatória de Lúlio até Leibniz. (Bauru: Editora da Universidade do Sagrado coração, 2004).

¹⁵ Gabriel Soares de Sousa. Tratado Descritivo do Brasil. (São Paulo: Brasiliana, 1971), p. 264-267,

¹⁶ Ibidem, 2004, p. 12-17.

¹⁷ Claude Lévi-Strauss. O pensamento selvagem. (Tradução: Tânia Pellegrini – 8.ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2008).

¹⁸ Gabriel Soares de Sousa. Tratado Descritivo do Brasil. (São Paulo: Brasiliana, 1971) p. 270.

¹⁹ É difícil não nos remetermos à sistemática de Carl Von Linnaeus, considerada uma revolução na filosofia natural setecentista, concebida quase 150 anos depois de Gabriel Soares de Sousa ter observado o *modus classificandi* Tupi. Na sistemática lineana as espécies também são nomeadas em um sistema de nomenclatura binomial, ou seja, o nome da espécie é formado por duas palavras, sendo que a primeira é o nome do gênero e a segunda o epíteto da espécie. Desta forma, o modelo classificatório indígena *funcionava* (guardadas as devidas proporções), de maneira análoga ao sistema binominal lineano, ou seja, se por acaso fosse encontrado outro tipo de ostra, o nome *leri* se mantinha como designativo genérico, e a ele era acrescentado um termo condizente com sua característica variável. Allen G. Debus. O Homem e a Natureza no Renascimento. (Porto: Porto editora, 2002); Lineus, Karl Von. Systema Naturae. (Estocolmo. Generalstabens Lotografiska Anstalt, 1907); Blund, W. El Naturalista. Vida, Obra y Viajes de Carl Von Linné (1707-1778). (Barcelona: Ediciones del Serbal, 1982).

A episteme que acompanhou estes colonizadores possuía, como principal característica, as analogias²⁰. As fontes documentais do século XVI nos permitem observar que estes homens, em alguns momentos, perceberam como oportuno o saber autóctone sobre o Mundo Natural e fizeram uso dele, não somente por conta de um princípio pragmático, ou seja, o de sobreviver, mas também por possuírem uma disposição em apreender e ampliar sua maneira de medir o mundo. O que nos leva a refletir o que se originou naquelas descrições de animais alienígenas, ou seja, um novo olhar que, inicialmente, ainda mantém um diálogo com as analogias do Velho Mundo, mas que também vê em constituintes como a elaborada nomeação indígena, algo mais sofisticado que as emulações, simpatias, analogias e conveniências²¹.

Este novo olhar, construído de uma associação de saberes a partir da catalogação do que é vivo, convencionou mais do que algumas narrativas da fauna nativa americana. Invariavelmente, possíveis nomeações europeias dos seres eram sistematicamente preteridas às indígenas. Mesmo os peixes do Novo Mundo, seres tão íntimos da Filosofia Natural e cultura gastronômica portuguesa, tinham seus nomes indígenas preservados. Quando tais nomes não se mantinham, fazia-se uso de uma possível tradução para a língua europeia, como no caso do peixe *Tapisiçá*, que é “[...] outro peixe assim chamado pelos índios, em cuja língua quer dizer *olho-de-boi*, pelo qual nome o nomeiam os portugueses [...]”²².

A descrição do *Araguaguá* e do *Jabupirá* é emblemática deste aspecto. Para Gabriel Soares de Sousa, apesar destes se parecerem com o peixe-serra europeu e a arraia lisboeta, prevaleceu à nomeação nativa. Mesmo com todas as similaridades, o “[...] *Araguaguá* é chamado pelos índios o peixe a que os portugueses chamam *peixe-serra* [...]”²³. Já as “[...] *arraias* [...] as quais chamam os índios *jabupirá* e são de muitas castas como as de Lisboa [...] há umas muito grandes e outras pequenas que são muito saborosas e sadias [...]”²⁴. Ao descrever o *Araguaguá* e o *Jabupirá*, Sousa introduz o conceito de *familiaridade*²⁵. Algo que irá se tornar cada vez mais frequente nas descrições de animais durante a modernidade²⁶. O agrupamento de espécies distantes do ponto de vista geográfico, mas muito próximas morfológicamente foi um desafio filosófico-natural imposto aos primeiros *curiosi*²⁷ que descreverem a fauna do Novo

²⁰ Para Foucault, podemos compreender as similitudes da seguinte forma: *Convenientia* (é a aproximação gradativa entre as palavras e as coisas); *Aemulatio* (emulação: Sentimento que leva a igualar ou a superar alguém); *Analogia* (é a relação, semelhança de uma coisa com outra: analogia de formas, de gostos. Entre a Filosofia. Analogias da experiência, princípios que governam a ligação entre os fenômenos. Por analogia, de acordo com as relações que existam entre as coisas: raciocinar por analogia); e por fim as *Simpatias* (Tem o poder de assimilar). Michel Foucault. *As Palavras e as Coisas – Uma arqueologia das ciências humanas* (São Paulo: Martins Fontes, 2000).

²¹ *Ibidem*, p. 31-41.

²² Gabriel Soares de Sousa. *Tratado Descritivo do Brasil* (São Paulo: Brasiliana, 1971) p. 259.

²³ *Ibidem*, p. 257.

²⁴ *Ibidem*, p. 283.

²⁵ A partir das novas descobertas de espécies, os gêneros tornaram-se cada vez mais numerosos assim, muitos deles tiveram de ser divididos inúmeras vezes. A ênfase do sistema classificatório passou, então, ao próximo nível. A Família. Que tornou a unidade de classificação mais estável (MAYR, 1998, p. 228).

²⁶ Ernst Mayr, *Desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança* (Tradução de Ivone Martins. – Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1998), p. 228.

²⁷ Ainda no século XVI, os pesquisadores e estudiosos, mesmo aqueles que não possuíam uma formação regular, como Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim, Jean de Lery e todos aqueles que se dedicaram a observar e descrever a natureza do Novo Mundo neste período recebiam a denominação de *curiosi rerum naturae*, virtuosos ou simplesmente *curiosi*. Em pouco tempo, estes homens ajudaram a ampliar substancialmente o círculo de

Mundo. A familiaridade denotava que as espécies estavam próximas, mas não eram iguais. E isso, homens como Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim e Pero de Magalhães Gandavo sabiam.

Este processo de construção identitária, por vezes, extrapolava a comparação entre os sabores e a busca por suas correspondências. Tanto no âmbito da morfologia quanto em relação ao local onde se poderia encontrar cada espécie de animal. Na descrição de Gabriel Soares de Sousa sobre a leri-peba (provavelmente a *Pteria hirundo*), verificamos a preocupação em identificar a área de ocorrência desta espécie, estabelecendo uma conexão, entre seu habitat na América e os rios lisboetas, pois as “[...] ostras, a que os índios chamam leri-pebas, que se criam em *baixios de areia* de pouca água, as quais são *como* as salmoninas que se criam no *rio de Lisboa, defronte do Barreiro*, da feição de vieiras [...]”²⁸ (grifos nossos).

Ao descrever as espécies de ostras da colônia, o cronista europeu procurava construir equivalências com todos os aspectos possíveis, fossem eles relacionados à aparência do animal, ou o local onde poderiam ser encontradas.

Algumas vezes, a melhor analogia para se descrever as espécies de ostras do Novo Mundo estava, literalmente, na palma da mão do colonizador, afinal “[...] algumas delas *são muito grandes*, e tem o miolo *como uma palma da mão* [...]”²⁹ (grifos nossos). A simpatia entre o tamanho da ostra e a mão do jesuíta Fernão Cardim mostra que, em alguns momentos, a elaboração das descrições buscava elementos que se encontravam em lugares distantes. Em outros, eles podiam estar no próprio corpo do cronista.

A descrição de Fernão Cardim é feita com entusiasmo. O jesuíta parece se admirar com o fato de uma ostra conseguir ficar tão grande quanto sua mão. Mas o quão grande eram as mãos de um adulto no século XVI? A estatura da população europeia estava, desde o século XII, em declínio. Enquanto no início da Idade Média, a estatura de um homem europeu era cerca de 1,73 cm, no século XVII esta média encontrava-se em 1,67cm³⁰. Um homem com 1,67cm teria a palma da mão com, aproximadamente, 10 cm de comprimento³¹. Aproximadamente 10 cm. Esse deveria ser o tamanho médio da ostra inspecionada por Cardim na América portuguesa.

Quando colonizadores holandeses começam a fazer, na Nova Holanda, o mesmo que portugueses fizeram na América do Sul, ou seja, descrever e classificar a fauna local, estes também estabeleceram uma escala de similitudes para estabelecer tamanho. Entretanto, o

discussão sobre os objetos de estudo da Filosofia Natural na Europa. Estes curiosi costumavam se comunicar por meio de correspondências, que podiam ou não chegar às mãos do destinatário. A partir do século XVII, estes homens perceberam que seria necessário haver um lugar fixo para debaterem e analisarem descrições, relatos ou espécimes coletados na natureza, assim surgiram academias como a Royal Society (fundada em 1660), onde estes curiosi se reuniam para discutir questões ligadas à Filosofia Natural. Nelson Papavero; José R. Pujol-Luz. Introdução histórica à biologia comparada, com especial referência à biogeografia (Rio de Janeiro: EDUR, 1997, p. 1-2. Christian F. M. dos Santos; Juscelino Neto. A natureza americana nas obras Turris Babel e Arca noé do jesuíta Athanasius Kircher (Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011).

²⁸ Gabriel Soares de Sousa, Tratado Descritivo do Brasil (São Paulo: Brasiliana, 1971), p. 270.

²⁹ Fernão Cardim. Tratados da terra e gente do Brasil. (Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1980), p. 59.

³⁰ Richard H. Steckel. New on the “Dark Ages”: The Remarkably tall stature of Northern European Men during the Medieval Era. (Social Science History 28:2, 211–29 (summer 2004).

³¹ Stacey Johnson; Kristine Mcpherson. Size of a Human: Body Proportions. (Disponível em: <http://hypertextbook.com/facts/2006/bodyproportions.shtml>, 2006).

membro utilizado, como unidade de medida, foi outro. Enquanto portugueses, como Cardim, utilizaram a palma da mão para dizer o quanto uma ostra poderia ser grande, os holandeses empregaram seus pés³². De fato, o advogado Adriaen Cornelissen van der Donck, ao percorrer os arredores da cidade de Nova Amsterdã em 1655, descreveu ter visto “[...] many in the shell a foot long, and broad in proportion [...]”³³. Um pé de comprimento no século XVII equivalia a, aproximadamente, 30 cm³⁴, o tamanho máximo que a ostra americana (*Crassostrea virginica*) pode alcançar. A antropometria histórica, no caso das ostras medidas por Cardim e Van der Donck, nos ajudam a perceber o quão relativo o conceito de grande poderia ser.

Também podemos verificar a utilização destes princípios comparativos nas descrições feitas por Gabriel Soares de Sousa. Em várias passagens do Tratado Descritivo os termos “*como*” e “*feição*” são empregados enquanto princípios comparativos, uma vez que o explorador não encontra outros meios para qualificar e classificar as espécies que encontrava naquele momento. Podemos observar mais alguns exemplos deste modelo empregado por Sousa, quando este descreve e classifica, de maneira categórica, os mexilhões, berbigões e mariscos:

“[...] Cria-se na vasa da Bahia infinidade de mexilhões, a que os índios chamam sururus, que são da mesma feição e tamanho e sabor dos mexilhões de Lisboa, os quais têm caranguejinhos dentro, e o mais que têm os de Lisboa; e com a minguante da lua estão muito cheios [...]”³⁵ (grifos nossos).
“[...] Dos berbigões há grande multidão na Bahia, nas praias da areia, a que os índios chamam sarnambitinga, que são da mesma feição dos de Lisboa, mas têm a casca mais grossa, e são mais pequenos [...]”³⁶ (grifos nossos).
“[...] Nas enseadas da Bahia, na vasa delas, se cria outro marisco, a que os índios chamam guaripoapém, a que os portugueses dizem linguirões, os quais são tão compridos como um dedo e mais, da mesma grossura, e têm um miolo grande [...]”³⁷ (grifos nossos).”

Descrever animais da colônia que se pareciam, mas não eram os mesmos que se encontrava na metrópole, deve ter gerado algum desconforto epistêmico. Para além da ausência de qualquer referencia a fauna do Novo Mundo, no livro bíblico do Gênese, as diferenças morfológicas e comportamentais, das espécies avistadas na América portuguesa, eram, por vezes, um desafio ao poder de descrição dos colonizadores³⁸.

³² Mark Kurlansky. *A grande ostra: cultura, história e culinária de Nova York*. (Rio de Janeiro: José Olympio. 2009), p. 34.

³³ “[...] muitas das conchas de um pé de comprimento, e largas em proporção.” Tradução nossa.

Adriaen Cornelissen Van Der Donck. *Description of the new Netherlands*. (Disponível em: <http://ebooks.library.cornell.edu/cgi/t/text/text-idx?c=nys;cc=nys;rgn=main;view=text;idno=nys161,1655>), p. 177.

³⁴ Fortunato José Barreiros. *Memória sobre os pesos e medidas de Portugal, Espanha, Inglaterra e França que se empregão nos trabalhos do Corpo de Engenheiros e da Arma de Artilheria; e notícia das principaes medidas da mesmas espécies, usadas para fins militares em outras nações* (Lisboa: Typografia da Academia Real de Ciências, 1838), p. 13.

³⁵ Gabriel Soares de Sousa. *Tratado Descritivo do Brasil*. (São Paulo: Brasiliense, 1971), p. 271.

³⁶ *Ibidem*, p. 271.

³⁷ *Ibidem*, p. 271.

³⁸ Christian F. M. dos Santos; Juscelino Neto. *A natureza americana nas obras Turrís Babel e Arca noé do jesuíta Athanasius Kircher*. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011.

Ao tentar descrever e alocar os animais do Novo Mundo em seu sistema classificatório fica evidente que, em muitos momentos, houve uma clara dificuldade em compartimentalizar algumas espécies de animais. As diferenças entre os seres endêmicos da América e os do Velho Mundo, poderiam ser sutis ou gritantes. Apesar de imaginarmos que as maiores dificuldades poderiam ser geradas por animais muito diferentes daqueles já conhecidos do europeu, os similares geravam impasses igualmente embaraçosos. Estas novas realidades com patas, escamas e garras forçavam cronistas como Sousa, a construir um novo normal, principalmente quando nos lembramos o quanto os princípios da classificação aristotélica, que previam a alocação dos seres de acordo com seu habitat, eram adotados³⁹.

Quando o assunto era a compartimentalização a partir do habitat, alguns animais pareciam fugir das gavetas aristotélicas, fazendo com que seus identificadores europeus, metaforicamente, corresse atrás destes e tentassem alocá-los nas caixas daquela sistemática trazida do Velho Mundo. Até mesmo a nomeação de algumas espécies denunciava este azáfama filosófico-natural vivido pelos colonizadores. Imaginemos a angústia classificatória de Gabriel Soares de Sousa, ao se deparar com um caranguejo que teimava em não ficar na praia. Este foi o caso do “guoanhamu”, um “caranguejo-do-mato” (*Cardisoma guanhumi*) da América portuguesa que parecia não querer ficar onde deveria. O autor do Tratado Descritivo do Brasil de 1587 tentou, mas parece não ter encontrado um lugar satisfatório em sua obra para este crustáceo.

Enfim, após algum tormento, ele expressou tal dilema classificatório:

“Andei buscando até agora onde agasalhar os caranguejos-do-mato, sem lhes achar lugar cômodo, porque para os arrumar com os caranguejos do mar parecia despropósito, pois se eles criam na terra, sem verem nem tocarem água do mar; e para os contar com os animais parece que também não lhes cabia esse lugar, pois se parecem com o marisco do mar; e por não ficarem sem gasalhado nestas lembranças, os aposentei na vizinhança do marisco de terra, ainda que se não criam na água estes caranguejos, mas em lugares úmidos por todas as ribeiras”.⁴⁰

Mesmo que, naquele momento, o cronista, explorador e senhor de engenho não soubesse muito bem onde alocar o guoanhamu ele, ainda assim, o classificou e tentou, a partir do paradigma que o conduzia, descrevê-lo e alocá-lo da maneira mais convincente possível. Entretanto, permanecia a inquietação. Apesar do sistema classificatório que Sousa transportava consigo determinar que caranguejos fossem, eminentemente, animais aquáticos, aquele caranguejo terrestre desafiava e subvertia a ordem estabelecida. Assim, a contradição estava em um ser fora do lugar. Se aquele caranguejo terrestre não chegava nem a ver ou tocar a água do mar, ele também não podia ser classificado junto dos animais terrestres, afinal, ele tinha as formas dos mariscos do mar. Enfim, o guoanhamu, ou caranguejo-do-mato, ao ser assim nomeado, causou uma “pane” naquela maneira de medir o mundo baseada nas analogias. O guoanhamu obrigou antipatias e simpatias a conviverem sob um único signo⁴¹.

Apesar de parecer constrangido pelo fato de que jamais conseguiria elencar toda biodiversidade encontrada no litoral da América portuguesa “[...] Eis em resumo o que me cabe

³⁹ Allen G. Debus. O Homem e a Natureza no Renascimento. (Porto: Porto editora, 2002).

⁴⁰ Gabriel Soares de Sousa. Tratado Descritivo do Brasil (São Paulo: Brasiliense, 1971), p. 277.

⁴¹ Michel Foucault. As Palavras e as Coisas – Uma arqueologia das ciências humanas (São Paulo: Martins Fontes, 2000).

dizer a respeito de alguns peixes de água salgada da América, os quais são, entretanto, inumeráveis⁴², o missionário francês Jean de Lery se preocupou em frisar que as raias (classe *Chondrichthyes*) encontradas na costa da América portuguesa não diferiam das encontradas nas costas da Normandia e Bretanha, apenas no tamanho. Existem cerca de 500 espécies de raias no mundo⁴³, entretanto, nem todas são tão perigosas quanto algumas das 51 encontradas no litoral do Brasil⁴⁴. A sua maneira, Jean de Lery constatou esta amplitude ao considerar a fauna marinha da colônia *inumerável*. E, apesar desta diversidade ictiológica ter, provavelmente, demovido o missionário francês da ideia de nomear toda a fauna marinha, o mesmo estabeleceu um importante critério para eleger quais espécies deveriam constar em sua obra: “As arraias que os selvagens pescam no Rio de Janeiro e nos mares vizinhos [...]. São temíveis e venenosas. [...]”⁴⁵. A partir deste ponto, Jean de Lery explica, em detalhe, porque o colonizador deveria ficar atento a tais peixes, pois ele relata que “[...] Um dia apanhamos uma e ao coloca-la na embarcação, aconteceu picar um companheiro nosso na perna; esta logo se tornou vermelha e inchada”⁴⁶.

Ao se deter na descrição morfológica da raia que, da pior maneira possível, mostrou para que poderia servir sua cauda, o missionário afirmou que a mesma “[...] tem dois chifres compridos, cinco ou seis gretas que parecem artificiais no ventre, e a cauda longa e fina”⁴⁷. É bem provável que Jean de Lery e seus companheiros tenham trazido a bordo uma raia bicuda (*Dasyatis americana*). Esta espécie ocorre em praticamente todo litoral brasileiro e, a exemplo do número de gretas descritas por Lery, a *Dasyatis* possui cerca de 5 aberturas branquiais, além da cauda delgada, que pode alcançar um comprimento duas vezes maior que o corpo. Quanto aos dois chifres compridos, estes podem ter sido confundidos com os olhos que, nesta espécie, se projetam para cima do corpo.

Apesar de serem considerados animais pouco agressivos, raias como a bicuda, quando molestadas, podem utilizar o ferrão localizado na cauda para se defenderem. O que nos leva a pensar o quão penosa a curiosidade de um viajante europeu poderia ser. Durante a ferroada, além da possível inoculação de peçonha, havia também o risco do agulhão, ou mesmo pedaços deste, permanecer no local lesionado, o que agravaria ainda mais a situação da vítima. Diante de uma fauna marinha tão diversa, o colonizador europeu poderia guiar suas descrições e classificações a partir de vários critérios. O escolhido por Lery foi o da dor.

Conclusões

A partir deste inventário de características utilizadas nos processos de classificação, percebemos que a compartimentalização de saber promovida pelas similitudes, por vezes, apresentava limitações ao se descrever, classificar, enfim, alocar todo um novo universo

⁴² Jean de Léry. Viagem à terra do Brasil. (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961), p. 146.

⁴³ José Dias Neto. Proposta de Plano Nacional de Gestão para o uso sustentável de elasmobrânquios sobre-explotados ou ameaçados de sobre-exploração no Brasil. (Brasília: Ibama, 2011), p. 20.

⁴⁴ Marcelo Szpilman. Peixes marinhos no Brasil: guia prático de identificação (Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2000), p. 115-123.

⁴⁵ Jean de Léry. Viagem à terra do Brasil. (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961), p. 146.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 146.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 146.

faunístico. Mesmo que os cronistas e viajantes do século XVI quisessem afirmar que a colonial leri-peba *era como* a portuguesa vieira, ou que uma ostra poderia ser tão grande quanto uma mão, a relação de simpatia estabelecida poderia não ser suficiente para o leitor da descrição. O uso das palavras “*como*” e “*feiçã*”, usadas em diversas das descrições feitas pelos viajantes e cronistas que passaram pela América portuguesa, denota um desgaste deste modelo de mensuração do Mundo Natural. Os seres do Novo Mundo contribuíram ao estabelecimento de paradigmas que, no decorrer da modernidade, mudaram consideravelmente os paradigmas classificatórios da Filosofia Natural⁴⁸.

E neste processo de descrição e classificação da fauna e flora do Novo Mundo, o europeu pôde se valer do conhecimento dos autóctones americanos que conheciam como ninguém aquele ambiente e os animais que viviam nele.

Uma perspectiva historiográfica multidisciplinar pode nos ajudar a encontrar, nas crônicas e tratados do século XVI, este colonizador preocupado em conhecer e catalogar aqueles interessantes e (também) importantes animais da América portuguesa. Tal abordagem, ainda que parcialmente, permite que observemos a busca por duas das necessidades mais básicas de um ser humano: conhecimento e comida.

Ao descrever ouriços do mar que eram como os de Portugal ou ostras que se criavam como no rio Tejo, este colonizador, em certa medida, procurou se valer do universo filosófico natural que o circundava no outro lado do Atlântico. Prova de que a plasticidade poderia até estar na boca que consumia a fauna da colônia, mas não no olhar que a apreendia. Afinal, como não era o mesmo que igual.

⁴⁸ Os sistemas classificatórios que permeavam a Filosofia Natural no século XVIII têm, nos trabalhos de Linnaeus e Buffon, significativas contribuições para os estudiosos/naturalistas daquele período. O primeiro desenvolveu um modelo de classificação para as plantas e, mais tarde, para os animais e minerais, a partir da hierarquização das espécies, pretendendo no livro “*Systema Naturae*” uma elaboração classificatória que intencionava categorizar todas as formas vegetais do planeta, fossem elas conhecidas ou não dos europeus. Já o naturalista o “Conde de Buffon, em *Les Époques de la Nature*, desconstruía a ideia de uma natureza estática, inalterável desde o momento da criação. Para ele, a natureza estava em constante mudança fosse para melhor, como o caso do clima, animais e plantas do Velho Mundo, fosse para pior como o caso das degenerescências encontradas nas espécies e no clima da América. Apesar da maioria dos conceitos de Buffon não serem mais válidos, permaneceu, em certa instância, a ideia da inconstância na natureza, ou seja, animais e plantas não eram os mesmos, nem as montanhas estavam no mesmo lugar, desde o dia da criação”. Christian Fausto Moraes dos Santos. *Uma Cosmologia do Novo Mundo: Os Diálogos Geográficos de Joseph Barbosa De Sá no ano de 1769* (Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde. Rio de Janeiro, 2005); Allen Debus. *O Homem e a Natureza no Renascimento* (Porto: Porto editora, 2002).